

Brasil METAL

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS METALÚRGICOS
CNM/CUT

INTERNACIONAL

Ano I Nº 362
18 de Março de 2010
Índice

Encontro Mundial dos Trabalhadores da Vale	01
Fracasso das negociações na Vale	02
Representante do IGMetall faz avaliação do Intercâmbio com CNM/CUT	03
Diretor da TRW visitou a CNM/CUT	03
Em defesa das Centrais Sindicais	04
Brasil interpõe-se entre Israel e Irã	05

Encontro Mundial dos Trabalhadores da Vale

Trabalhadores na Vale Inco convocam encontro mundial para o dia 22

O comando de greve dos mineiros da Vale Inco, integrado por sindicalistas do **United SteelWorkers (USW)**, o poderoso sindicato dos mineiros dos Estados Unidos e Canadá, após oito meses de paralisação, convocou para o **dia 22**, em Sudbury, no Canadá, um encontro internacional de sindicatos de todos os países onde a Vale tem negócios. A pauta da discussão é uma avaliação da greve e o desenvolvimento de uma estratégia conjunta em relação à mineradora brasileira.



José Drummond, assessor da CUT e dirigente da CUT-Multi, que coordena a rede de relações de trabalhadores de multinacionais brasileiras, disse ao Valor que "o encontro será de solidariedade aos companheiros do Canadá, com os quais compartilhamos a posição de resistência contra a tentativa da Vale, quatro anos após comprar a Inco, de diminuir os benefícios e as conquistas dos mineiros canadenses sem lhes dar nada em troca".

Para Drummond, a Vale quer "miserabilizar" a situação dos trabalhadores canadenses, como já acontece no Brasil. Para ele, o encontro visa fortalecer os laços para que os mineiros canadenses não cedam à companhia.

O diretor executivo da CUT, **Adeilson Telles**, representará a Central no encontro. Também seguirão para Sudbury, foco maior da resistência contra as mudanças que a Vale está propondo no fundo de pensão e no pagamento de bônus dos mineiros, sindicalistas do Pará, de Sergipe e do Rio de Janeiro, todos ligados à Vale.

Após uma arbitragem para mediar os dois lados, visando um acordo, 90% dos grevistas das minas de níquel de Sudbury e PortColdorn reunidos em assembleia no fim de semana se posicionaram a favor da manutenção da paralisação, durante consulta feita pelos líderes do USW. Além de querer introduzir mudanças no fundo de pensão dos mineiros de Sudbury, que atualmente gozam do plano de benefício definido e da participação nos lucros calculada com base no preço do níquel, a Vale quer terceirizar 400 trabalhadores. "Das 40 cláusulas do acordo, ela quer mudar 10", disse Drummond.

Na sexta-feira, a Vale divulgou comunicado em que anuncia que está executando planos para aumentar a produção de níquel em suas operações nas províncias canadenses de Ontário e Newfoundland e Labrador, onde estão os trabalhadores grevistas.

Em janeiro, a Vale passou a priorizar a produção de níquel com a retomada da operação da fundição de Copper Cliff. "A Vale está aumentando a produção em Sudbury para garantir o fornecimento contínuo de minério de níquel para a refinaria e espera manter plena e ininterrupta produção até o final do segundo trimestre". >>>

Em janeiro, a Vale passou a priorizar a produção de níquel com a retomada da operação da fundição de Copper Cliff. "A Vale está aumentando a produção em Sudbury para garantir o fornecimento contínuo de minério de níquel para a refinaria e espera manter plena e ininterrupta produção até o final do segundo trimestre".

A retomada da produção está ocorrendo porque a mineradora brasileira está se preparando para acabar com a greve em suas minas de níquel e cobre, usando trabalhadores temporários para furar o piquete que interrompeu a produção nos últimos oito meses. O anúncio provocou resposta irritada por parte dos líderes do USW, que reúne mais de 3.200 trabalhadores em greve na região de Sudbury, Ontário.

"Sudbury é um barril de pólvora", disse **Wayne Fraser**, representante do sindicato. "Estamos, de fato, preocupados com o que vai acontecer e a polícia também está. As pessoas ficarão incontroláveis e não permitirão que os temporários furem o piquete". E acrescentou: "A Vale pode ir para o inferno. Estamos cansados de capitalistas estrangeiros que vêm aqui destruir o estilo de vida canadense".

Para **José Drummond**, se a Vale, dentro de duas semanas, trocar os trabalhadores de Sudbury por temporários, vai destruir o sindicato e isso os trabalhadores não vão permitir. "A situação é de impasse e preocupante", declarou.

O Valor procurou a Vale para falar sobre a greve, mas a empresa só fala através de seu assessor da Vale Inco, com o qual não conseguimos manter contato. (CUT, 16.03.2010)

Fracasso das negociações na Vale

A greve na Vale (Canadá) continua, após o fracasso das conversações de mediação de 7 de março, apesar das tentativas do USW de chegar a um acordo. A **FITIM** e a **ICEM** continuarão a mostrar o seu apoio em manifestação em Sudbury em 22 de março..

"Durante 11 dias consecutivos, a nossa comissão de negociação apresentou várias propostas novas e assumiu compromissos reais e substanciais em questões fundamentais", disse o diretor do USW Distrito 6, **Wayne Fraser**.

A intransigência da Vale nas negociações se impôs novamente após um lampejo de esperança no fim do mês passado, quando a empresa concordou em sentar-se com um mediador independente para conversações exploratórias visando o fim da greve. Essas conversações começaram no final do mês, mas fracassaram em 7 de março, quando o mediador, **Kevin Burkett**, disse: "Estou decepcionado de informar que o acordo não é possível no momento. Por isso, interrompi as discussões."

A mediação produziu uma oferta sem precedentes do USW para retornar ao trabalho em Sudbury e Port Colborne, com um painel de arbitragem obrigatória de três membros para responder às questões pendentes.

O USW sugeriu que Burkett presidisse o painel de arbitragem, sendo os dois outros membros escolhidos pela Vale e pelo sindicato, mas a empresa rejeitou categoricamente a proposta.

Leo Gerard, presidente internacional do USW, disse em entrevista ao Sudbury News que houve, sim, progresso a respeito de várias questões ao longo de oito dias de conversações mediadas. Mas na questão de maior importância para os grevistas - a estabilidade no emprego - "a empresa se recusou a negociar".

Gerard disse que isto evidencia o fato de que a Vale Inco, que pertence à mineradora brasileira Vale, ou não entende o processo de negociação coletiva no Canadá, ou "está terrivelmente equivocada, terrivelmente".

Agora, as federações sindicais vão elaborar planos estratégicos em nome do USW, e visitarão Sudbury (Canadá) no prazo de duas semanas para reforçar o apoio aos mineiros de níquel na greve USW. Nos dias 22 e 23 de Março haverá uma marcha sob o lema "Bridging the gap" com a participação de dirigentes sindicais das atividades globais da empresa de mineração brasileira, que alcançará até o norte da província de Ontário.

Os sindicalistas, representantes **da Federação Internacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica** e **da Federação Internacional dos Sindicatos da Química, Energia, Minas** e irão juntar-se aos grevistas do Local 6500 do USW e suas famílias, em uma marcha pela rua principal do centro da cidade de Sudbury em 22 de março. E para o dia seguinte está programado um fórum sobre uma estratégia global, onde haverá planos para o "Dia de Luta Global" contra Vale, de 5 a 11 de Abril.

É provável que esta greve ultrapasse a mais longa greve de mineração na história do Canadá, com duração de 267 dias - de setembro 1978 a junho de 1979 - entre o USW e a empresa antecessora da Vale em Sudbury, a Inco Mining. A única diferença entre esta greve e as várias escaramuças entre o USW e a INCO, porém, é que INCO, enquanto com sede no Canadá, nunca tentou explorar as minas e fusão de operações com trabalhadores fura-greves, como acontece agora com a Vale. (Anita Gardner) (tradução Américas Info – CSA) (FITIM, 09.03.2010)

Representante do IGMetall faz avaliação do Intercâmbio com CNM/CUT

Em entrevista, o representante do Sindicato Nacional dos Metalúrgicos Alemães (IG Metall), trata da importância da solidariedade entre os trabalhadores no mundo e o papel das redes sindicais na busca por novas conquistas

Nascido em Portugal, Manuel atua na Alemanha, mas desenvolveu laços de trabalho e de amizade no Brasil.

Na entrevista, concedida por e-mail para a **CNM/CUT**, em parceria com a **Folha Metalúrgica (Sorocaba)** e a **Tribuna Metalúrgica do ABC**, o sindicalista comenta a importância do intercâmbio para o fortalecimento dos trabalhadores, a criação de redes sindicais internacionais e as diferenças de organização e de salários entre os metalúrgicos do Brasil e da Alemanha.



Leia na página da CNM/CUT a entrevista com Manuel Campos, um dos principais contatos da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT no **IG Metall**, que é o sindicato nacional dos metalúrgicos na Alemanha.

Diretor da TRW visitou a CNM/CUT

Vice-presidente mundial da TRW visita sede da CNM/CUT em São Bernardo



Na tarde desta quinta-feira (11), o **secretário de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, Valter Sanches**, recebeu na sede da CNM/CUT, o vice-presidente mundial da Divisão BCS (Body Control System) da TRW, **Ralf Jeskulke**.

Na quarta-feira, ele participou de encontro na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. (abaixo).

Durante a reunião, Sanches mostrou ao executivo dados e estatísticas sobre o Brasil e o movimento sindical metalúrgico no país, bem como a forma de atuação dos sindicatos cutistas. Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT

TRW investirá no ABC

Fábrica da TRW em Diadema receberá R\$ 1,6 milhão em investimentos

A TRW investirá R\$ 1,6 milhão em infraestrutura, máquinas injetoras e periféricos na planta de Diadema.

O anúncio foi feito ontem por representantes da multinacional ao presidente do Sindicato, Sérgio Nobre, em reunião mantida na Sede e que teve a participação do prefeito de Diadema, Mário Reali, e diretores da entidade.

"O mercado do Brasil é muito importante para nós", justificou o vice-presidente mundial da TRW, Ralf Jeskulke.

Para Sérgio Nobre, a reunião tripartite que aconteceu foi essencial. "Nós lutamos por salários e benefícios, mas temos que ter uma agenda em comum quando o tema é segurança, educação e desenvolvimento do ABC", afirmou.

Obras

Para garantir os novos investimentos, Reali adiantou que fará obras ligando o bairro Piraporinha até o Rodoanel e construirá conjuntos habitacionais para as famílias que vivem na favela Naval e na Nova Conquista. "Daqui dois ou três anos tudo deve estar concluído", disse.

No encontro foi discutida uma visita à fábrica, ainda sem data marcada, para que medidas complementares possam ser tomadas. (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 11.03.2010)

Em defesa das Centrais Sindicais

Artur Henrique - Presidente Nacional da CUT

Desde 1983, quando foi fundada, graças ao poder de mobilização e a posição de vanguarda no movimento sindical, sempre em defesa da classe trabalhadora, a CUT se tornou a maior central do Brasil e da América Latina e 5ª do mundo.

Ao lado de outras centrais, promoveu mobilizações pela valorização do salário mínimo, redução da jornada, e com outros atores dos movimentos sociais, discutiu questões para além do mundo do trabalho, como o acesso à creche, a descriminalização do aborto e o combate ao racismo.

O reconhecimento, em 2007, promoveu avanços importantes permitindo que deixassem a condição jurídica de Organizações Não Governamentais (ONG) para poder representar os trabalhadores nas justiças comum e federal.

Seria um contrassenso as centrais deixarem de ser reconhecidas e, ao mesmo tempo, fazerem parte das instâncias que decidem o destino dos recursos dos Fundos de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e de Amparo ao Trabalhador (FAT).

A Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) 4.067 proposta pelo DEM no Supremo Tribunal Federal (STF) é um retrocesso para a organização da sociedade. O reconhecimento foi resultado de uma discussão democrática que passou pelo parlamento brasileiro e qualquer mudança dessa decisão deve ocorrer da mesma forma.

Ressaltamos mais uma vez que somos contrários ao imposto sindical, como sempre expusemos desde a nossa fundação, e contra a contribuição compulsória, inclusive para as entidades representativas da classe patronal. Somos sim favoráveis à contribuição negocial, discutida e decida pelos próprios trabalhadores em assembleias amplamente divulgadas.

Dessa forma, somente sobreviveria quem tem capacidade de mobilizar e inverteríamos o atual cenário, que permite a criação de sindicatos com o único objetivo de receber os recursos do imposto sindical. Nós, da CUT, defendemos um sindicalismo livre, democrático, soberano, sem as amarras do Estado. Artur Henrique - Presidente Nacional da CUT 11

Eleições 2010:

Pesquisa aponta disparada de Dilma

Uma pesquisa nacional feita nas ruas pelo Instituto Mapear com 2.015 pessoas, entre os dias 27/02 e 5/03, perguntou à população dos 15 principais estados do país em quem votaria se a eleição para presidente fosse hoje.

O resultado não surpreendeu: a ministra Dilma Rousseff dispara na preferência do eleitor quando este reconhece que é a candidata escolhida pelo presidente Lula.

Ela receberia 35% dos votos contra 22% de José Serra, do PSDB. Outro resultado que chama a atenção é que a ministra está empatada tecnicamente com Serra mesmo se não tivesse ligação do nome de Lula ao dela (foram 26% contra 22% das preferências).

"É importante entender que mesmo se Dilma não estivesse ligada a imagem de Lula, ela já teria luz própria", explica Cláudio Gama, diretor do instituto. Segundo o antropólogo e Mestre em Sociologia, o resultado não se resume ao fato de Dilma ganhar só por ser a indicada do presidente, e José Serra ter conexão com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ambos do mesmo partido.

"Dilma não ganha por um suposto lado 'negativo' de FHC ou só pela influência 'positiva' de Lula", esclarece Gama, lembrando que na primeira etapa da pesquisa, as perguntas não relacionaram o nome da ministra ao do presidente; Serra então teve 26% das preferências, contra 22% de Dilma - dando empate técnico - e os outros possíveis candidatos ficaram com 9% para Ciro Gomes e 7% para Marina Silva.

No levantamento do Mapear, Dilma chega a ter 45% das intenções de voto no Nordeste e Serra 12%. A ministra é vitoriosa entre os eleitores masculinos (38%); entre as eleitoras (32%) e entre todas as faixas etárias.

"A população confia nela para dar continuidade", afirma. Segundo ele, a ministra vem mostrando ótimo desempenho por dois motivos: tem se mostrado competitiva em relação aos outros candidatos e com condições de fazer alianças fortes para o seu palanque eleitoral. *(Solange Bagdadi) (Brasília Confidencial, 17.03.2010)*

Com a habilidade de Lula,

... o Brasil interpõe-se entre Israel e Irã

Por Pepe Escobar, do Asia Times Online

Por falar em Via Dolorosa, Luiz Inacio Lula da Silva foi o primeiro presidente do Brasil a visitar oficialmente Israel. Louvado por seu carisma, habilidade e formidáveis capacidades de negociador - Obama, dos EUA, refere-se a ele como "O cara" -, mal sabia o presidente Lula que, para conseguir conversar seu anfitrião, essa semana, teria de passar a perna no próprio profeta Abraão em pessoa, nada mais, nada menos.

Ao fim e ao cabo, Lula não se deixou enrolar. Não fez concessões. E, diferente do vice-presidente dos EUA Joseph Biden, semana passada, conseguiu não ser humilhado publicamente pelos donos da casa.

Lula é homem habituado a enfrentar interlocutores duros. Avigdor Lieberman, ministro de Negócios Internacionais de Israel, boicotou seu discurso no Parlamento e o encontro com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. O motivo: Lula não visitou o túmulo do fundador do sionismo Theodor Herzl. Ora essa! Nem Nicolas Sarkozy da França, nem Silvio Berlusconi da Itália visitaram o tal túmulo, quando visitaram Israel.

Brasília - como Paris e Roma - sabe muito bem que visitar túmulos não é obrigatório em viagens presidenciais. Ainda assim, um coro dos colonos judeus sionistas fanáticos do partido Likud em Israel não mediu palavras para diagnosticar que a não-visita feriria de morte a competência do governo do Brasil para atuar com o mediador no conflito Israel-Palestina.

Lula ovacionado

No Parlamento, Lula enfrentou tentativa de linchamento, inclusive por Netanyahu, por sua política de não-confrontação e de diálogo com o Irã. O presidente do Brasil nem piscou. Condenou, com igual peso, tanto o holocausto quanto o terrorismo; lembrou os donos da casa que o Brasil e a América Latina têm posição assumida contra as armas nucleares; insistiu nas vias do "diálogo" e da "compaixão" para superar o conflito no Oriente Médio; defendeu uma solução viável de dois Estados para Israel e Palestina. Nem por isso deixou de criticar as construções de casas exclusivas para judeus em Jerusalém Leste. Foi ovacionado. Segundo depoimento de deputados israelenses, "foi muito mais aplaudido que George W. Bush".

O profeta tropical

Nem que encarnasse o Abraão dos Abraões, Lula conseguiria convencer os sionistas fanáticos e seus lugares-tenentes. Mas, sim, Lula disse ao jornal israelense Haaretz o que os atores mais sérios no Oriente Médio já sabem mas não dizem; o "processo de paz" está sem rumo; não há outra alternativa além de incluir novos mediadores na mesa de negociação - parceiros novos, como o Brasil.

O mesmo se aplica à discussão do dossiê iraniano: "Os líderes mundiais com os quais conversei creem que temos de agir rapidamente, ou Israel atacará o Irã." Lula está convencido de que novas sanções contra o programa nuclear iraniano serão contraproducentes. E suas palavras ecoaram pelo planeta: "Não podemos permitir que aconteça no Irã o que aconteceu no Iraque. Antes de novas sanções, temos de tentar, por todos os meios possíveis, construir a paz no Oriente Médio".

A visão oficial do governo do Brasil - que ecoa e é ouvida em praticamente toda a comunidade internacional (vale dizer, não só no clube exclusivo de Washington e entre os suspeitos europeus de sempre) - é que nada, até agora, foi satisfatoriamente discutido com o Irã, sobre seu dossiê nuclear. Lula foi muito firme e claro: o Irã tem, sim, direito de desenvolver um programa nuclear para fins pacíficos nos termos admitidos pelo Tratado de Não Proliferação Nuclear do qual o país é signatário.

O Brasil ocupa hoje um dos assentos do Conselho de Segurança da ONU. Como a China, o país também não aprova e não apoiará novas sanções que os EUA querem impor ao Irã - e diga o que disser o secretário de Estado Robert Gates, que anda espalhando boatos de que os EUA já teriam os votos necessários para aprovar uma quarta rodada de sanções, porque a Arábia Saudita teria afinal convencido a China. A China jamais votará contra seus próprios interesses de segurança nacional - e o Irã é, sim, assunto de segurança nacional para os chineses.

Em maio, Lula estará em Teerã e, outra vez, reunir-se-á com o presidente Mahmud Ahmadinejad. Os sionistas linha-dura estão - como é rotina - fumegando. >>>

>>> Com a habilidade de Lula, o Brasil interpõe-se entre Israel e Irã

Lula sabe muito bem que as chamadas "sanções espertas" [ing. smart sanctions], que visam principalmente o Corpo dos Guardas Revolucionários Islâmicos [ing. Islamic Revolutionary Guards Corps (IRGC)] - que controla o centro do poder econômico e político no Irã - também afetarão milhões de civis conectados às empresas e negócios controladas pelo IRGC, ou seja, imporá novos sofrimentos à população em geral, que já paga o alto preço imposto pelas atuais sanções. O IRGC controla pelo menos 60 portos no Golfo Persa. Impedir que a Ásia negocie com o Irã implica bloqueio naval. E bloqueio naval é declaração de guerra.

Não pressionar o Irã

Lula chega ao Oriente Médio em conjuntura muito especial: no momento em que o governo de Netanyahu decidiu construir mais casas exclusivas para judeus em Jerusalém Leste e na Cisjordânia, mesmo ao preço de perder o apoio crucial dos EUA no front iraniano.

Ironicamente, o Brasil pode estar começando a seduzir o establishment israelense, mas mais no front econômico, que no front geopolítico.

Israel assinou um acordo de livre-comércio [ing. "free-trade agreement" (FTA)] com o Mercosul[2] - o quinto maior bloco em termos de produto interno bruto. O acordo não agradou aos palestinos, para quem o FTA que foi assinado fortalecerá o complexo industrial-militar de Israel.

E é nesse momento que o Brasil diz bem claramente que defende um Estado palestino viável, nos limites das fronteiras demarcadas em 1967. Esse acordo de livre-comércio implica uma cláusula estratégica: permite transferir tecnologia de armas aos países-membro do Mercosul. As armas que fazem a repressão em Gaza estarão, em pouco tempo, disponíveis na América Latina.

Num front paralelo, ao elogiar o papel do Brasil como mediador, o presidente Shimon Peres sugeriu pessoalmente a Lula que o Brasil fizesse coincidir, em território brasileiro, duas visitas: do presidente da Síria Bashar al-Assad e a de Netanyahu. Assad visitará o Brasil ainda esse ano; e, na semana corrente, Netanyahu também aceitou convite para visitar o Brasil. Uma reunião tropical, informal, entre Síria e Israel, poderia criar a circunstância ideal para começar a quebrar o gelo. Lula e Netanyahu organizaram um sistema bilateral de encontro entre chefes de Estado e principais ministros a cada dois anos.

Mas, e quanto aos EUA, em tudo isso? Há vigente hoje um acordo estratégico entre EUA e Brasil, pelo qual estão previstos dois encontros de nível ministerial (ministérios de Relações Exteriores) por ano, um nos EUA, outro no Brasil.

O ministro brasileiro de Relações Exteriores chanceler Celso Amorim tem excelentes relações com a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton. Em recente visita ao Brasil, Clinton insistiu muito fortemente para que Lula e Amorim apoiassem nova rodada de sanções contra o Irã. Os brasileiros recusaram polidamente e firmemente.

(...) Lula foi meridianamente claro e específico: "Não é inteligente empurrar o Irã contra a parede. Quero para o Irã o que quero para o Brasil: usar a energia nuclear para fins pacíficos. Se o Irã for além disso, então não aceitaremos." Exatamente a posição dos chineses.

(...) Os diplomatas brasileiros insistem que Ahmadinejad jamais fechou a porta a negociações. Em encontros diplomáticos bilaterais discretos, funcionários dos EUA admitem a diplomatas brasileiros que Ahmadinejad não é, de modo algum, intransigente; como tampouco é intransigente o Líder Supremo Aiatolá Ali Khamenei. Em discurso de 19 de fevereiro no batizado de um destróier iraniano, Khamenei mais uma vez negou que o Irã esteja trabalhando para ter armas atômicas; e destacou que as armas atômicas são ilegais, nos termos da lei islâmica, porque sempre mataram grande número de civis inocentes.

Mesmo antes da visita de Clinton, o ministro das Relações Exteriores do Irã Manouchehr Mottaki já admitira a jornalistas brasileiros, sem pedir sigilo, que o Brasil poderia ser uma "ponte" entre o Irã e a frente EUA-União Europeia, por causa da "posição realista" do governo e da diplomacia brasileira. Mottaki não vê o Brasil como "mediador". Prefere falar de "um facilitador de consultas", uma vez que Teerã entende que nenhum outro país deva falar pelos interesses iranianos.

Brasília tampouco pediu para mediar coisa alguma. Mottaki informou que ele próprio tem "trabalhado substancialmente, fazendo diplomacia telefônica" com o chanceler Amorim. Teerã evidentemente vê os benefícios de estabelecer um canal de diálogo com o ocidente industrializado mediante um país em desenvolvimento. (...) *(Vi o Mundo, 18.03.2010)*